

A construção da Semana

Raúl Antelo

No fragmento 29 de *Minima moralia. Reflexões sobre a vida lesada* (1951), Adorno nos diz que «o passado recente surge-nos sempre como se tivesse sido destruído por uma catástrofe. A expressão do histórico nas coisas não é mais do que o tormento passado» (2001, p. 40) e dessa constatação conclui com um axioma que condensa sua dialética negativa: «O todo é o inverdadeiro» (2001, p. 40). Ela pode nos ajudar a interpretar o modernismo, esse pretérito recente, essa catástrofe que, embora pareça um tormento passado, é, igualmente, uma experiência indispensável e incontornável em relação ao porvir.

O modernismo tentou elaborar, fundamentalmente, duas questões: a identidade e a nação. Surge, em 1922, como parte das comemorações pelo centenário da independência. Uma independência sem emancipação, seja dito de passagem. O próprio editorial da primeira *Klaxon* (maio 1922) chama a Semana de Conselho Internacional de Versalhes que, como ele, não representou nem desastre, nem triunfo. Apenas frutos imaturos. Não duvidou de sua verdade e julgou ambas as ideias, a nação e a identidade, totalidades em si, contrariando as elaborações contemporâneas mais radicais.

Totalidade

Quais eram as elaborações vanguardistas contemporâneas sobre a totalidade? Ora, numa série de textos para a revista dadaísta *Die Aktion* (1914), o crítico de arte alemão Carl Einstein, lido e apreciado pelos modernistas brasileiros, certamente através de seu amigo Blaise Cendrars¹, aborda o problema da totalidade. Afirma que a arte transforma a totalidade da visão, mas o artista determina as representações visuais mais amplas; define a totalidade como um sistema fechado de qualidades específicas, que só é total se essa totalidade for acompanhada de uma intensidade suficiente. A totalidade faz com que o alvo de toda pesquisa e conhecimento não repouse no infinito, entendido como indefinível objetivo global, mas seja minuciosamente circunscrito, uma vez que a totalidade legitima o Ser concreto dos sistemas singulares e lhes confere sentido. A totalidade admite estabelecer leis qualitativas, na medida em que a conformidade à lei de cada sistema específico não depende apenas de uma repetição variada e do retorno do próprio sistema, mas da natureza de certas configurações singulares. Chegamos assim à determinação de leis qualitativas que produzem sempre um sistema fechado, leis que não variam pela quantidade, mas sim pela intensidade, e não retornam ao infinito, mas se alternam qualitativamente. Define, então, como sistema toda totalidade concreta que não consegue ser estruturada ou articulada mediante instrumentos externos, porque ela já é organizada em si mesma. Esses conceitos de uma teoria da visão alucinatória, desvairada, como a cidade de Mário de Andrade, desenvolvida mais tarde no ensaio sobre Braque, não apenas determina um modo de ver, mas tenta, radicalmente, mudar a estrutura da visão ela mesma, como atesta *Negerplastik* (1915), que inspiraria Osório César para seu trabalho sobre arte e alienação (1929), no hospital de Juquery. Desvairada é a visão que, liberada de todo objeto exterior, tornando-se a si própria, adquire plena autonomia. Não é uma percepção falsa, mas a ruptura com relação aos processos corriqueiros de representação. É desvairada a estética apoiada em forças coletivas, energias que, modeladas pelas sociedades primitivas, fornecem aos sistemas míticos e totêmicos perviventes sua inserção na totalidade cósmica. Desse modo, a tão ansiada unidade do homem com a natureza se obtém através de uma

¹ Mário de Andrade leu dois livros dele, *Die Kunst Des 20. Jahrhunderts*. Berlim, Propyläen, 1926, e *Scultura Africana, con uno studio critico di Carl Einstein*. Roma, Edizioni di «Valori Plastici», s. d.

projeção do subjetivo no objetivo; da humanidade na animalidade; dos viventes nos ancestrais ou do orgânico no inorgânico.

Contudo, Einstein, como vemos, não entende totalidade como homogeneidade ou continuidade. A totalidade nunca exclui nada, ou seja, que, em seu escopo, não há um positivo e um negativo, porque ela é formada pelo contraste, ou seja, pela unidade incondicionada dos opostos. A totalidade não é nunca determinada em termos quantitativos e pode sempre pautar-se por pressupostos puramente qualitativos. Cada organismo individual deve ser total. Porque a totalidade não é unidade, uma vez que esta representa sempre uma repetição, isto é, repetição no infinito quantitativo, ao passo que a totalidade, enquanto sistema finito, existe apenas com o concurso de todas as partes variadamente estruturadas de um sistema. Daí que Einstein conclua, com indisfarçável bergsonismo e numa compreensão proto-estrutural do problema, argumentando que a totalidade torna possível a visão concreta e com ela cada objeto concreto adquire transcendência. A totalidade admite que consideremos cada ponto de nossas experiências um Todo, com o qual Einstein nos diz, em suma, que cada ponto, cada fragmento, é algo em que *tout se tient*, como dirá a linguística de Saussure dois anos mais tarde, mas também nos afirma que o Todo é inverdadeiro, como muito depois dirá Adorno, porque a verdade está em cada fragmento, ela é sempre parcelada, mista, composta, heterogênea. Daí uma compreensão da experiência heterocrônica, heterotópica, heteronômica e heterológica, que é o percurso da filosofia pós-estrutural de Foucault, Deleuze ou Derrida.

Alteromundismo

Uma das características das comemorações centenárias de 1922 consiste em ativar, novamente, a disputa regional. Todos reivindicam um modernismo local, mais prematuro, radical ou emergente do que o da Semana de Arte Moderna. A justificativa encontra-se nas duas questões apontadas: identidade e nação são vistas como entidades sem fissura, uma simples repetição, no infinito quantitativo, quando deveríamos ver com o pacifista, porém trotsquista, Carl Einstein a nação e a identidade como construtos de todas as partes variadamente estruturadas de um sistema.

Poderíamos dar uma ideia de uma totalidade mais afim à proposta de Einstein com a teorização do ativista boliviano Gustavo Adolfo Navarro (1898-1979), presente no Rio de Janeiro no início dos anos 30, inicialmente um anarquista tolstoyiano, mais conhecido a seguir, em sua fase trotsquista, pelo pseudônimo Tristan Maroff. Em 1922 funda-se o Partido Comunista Brasileiro, logo colocado na clandestinidade, recuperada, pela primeira vez, em 1927, com o Bloco Operário; nesse mesmo ano, Maroff cria, junto com Roberto Hinojosa (quem também passara pelo Brasil, colaborando em órgãos como *Folha acadêmica*), o primeiro partido socialista boliviano, o Partido Socialista Maximalista, ação que lhe rendeu prisão e exílio. Refugiou-se, a seguir, em vários países: Cuba, México, Estados Unidos, Brasil, Argentina e Uruguai.



No Rio de Janeiro, além de tradutor de literatura comunista ao português, foi incentivador da «República do Curvelo», uma rede de solidariedade continental radical. A origem do nome remete à antiga rua do Curvelo, hoje Dias de Barros, em Santa Teresa, no Rio de Janeiro. O presidente da República era o poeta Manuel Bandeira (David, 1967), sendo Maroff o vice, e dela faziam parte intelectuais notadamente nordestinos e comunistas que moravam no Rio, tais como o dirigente comunista alagoano Octávio Brandão e sua esposa; a poeta e militante Laura Brandão; a psiquiatra, também alagoana, Nise da Silveira; o poeta paulista Ribeiro Couto; o gaúcho Raul Bopp e o alagoano Jorge de Lima; a escritora e jornalista Raquel de Queiroz; o escritor argentino Enrique González Tuñón e sua mulher, a jornalista Maria Luísa Camelli, futura cronista da guerra na Espanha; o médico Adelmo Mendonça; a anarquista e feminista María Lacerda de Moura; o médico Mario Magalhaes de Silveira, esposo de Nise; o também médico Francisco Mangabeira e, em suas passagens pelo Rio, o já citado psiquiatra e ativista, Osório César, marido de Tarsila do Amaral.

Depois da República do Curvelo, Maroff funda o Partido Obrero Revolucionário, na Bolívia, em 1935. Estreito colaborador de Mariátegui, sobre o qual escreve na revista portenha *Contra*, de Raúl González Tuñón, Maroff é autor de *El ingenuo continente americano* (1923), *La justicia del Inca* (1926), *La tragedia del Altiplano* (1930), *Wall Street y Hambre* (1931), *México de frente y de perfil* (1934), *La novela de un hombre* (1967) e *Radiografía de Bolivia* (1971). Seu amigo Raúl González Tuñón deixou um testemunho da República do Curvelo, originalmente publicado em *Tren de circunvalación* (Madrid, 1933), mas posteriormente expurgado de sua bibliografia, por desavenças ideológicas com Maroff. O poema nos ilumina sobre uma construção alternativa de sociabilidade, no Rio de Janeiro, no início dos anos 30:

Recuerdo que tú eres flaco y largo, profundamente bueno, una bondad no del todo tranquila,
Una bondad con ángulos y aristas, una bondad a veces tremendamente áspera, a veces agresiva.
Y corrían los meses del aquel cálido invierno brasileño en la dulce provincia del Morro, allá en Curvello.

Bravo y viejo soldado, sin fusil, sin tambor, sin cantimplora, sin bigotes, eras nuestro sargento,
Nos llevabas a través de la «selva de Silvestre» recogiendo en tu pipa marinera o de «viejo soldado», la emanación de una naturaleza prodigiosa.

Eras nuestro sargento; sabías todo y de todo, nos relatas las cosas sucedidas y próximos sucesos,
nos veías crecer a tu sombra cordial, discutías con nosotros reclutas de la última jornada,
nos hablabas de Lenin y de Heine, entre «cachazas» con biter y entre verdes vinos de Portugal.
Tú eras el instructor de la vieja guardia que entregábamos: Nise, María, Rachel, Enrique, Adelmo y yo,

y poetas, y médicos revolucionarios y pintores de la dulce «República», en el Morro. ¡Oh Curvello!
Viejo Soldado, arrojado de todos los países, perseguido de todos los climas, siempre sobreviviente,
de la pobreza heroica y de la incomprensión, de la injusticia, de la cárcel, del hambre y de la escarcha,

entre el infierno del mundo voy de nuevo hacia ti, te llamo desde España, te llamo desde una
montaña de cenizas,

mi joven corazón incorporado sobre miles de muertos, incorporado sobre el hecho favorable de
Asturias,

entre el infierno del mundo, se dirige hacia ti, te lanza un puente de versos encendidos y nostal-
gias,

hacia tu alma generosa se dirige, en tu pecho de antiguas murallas golpea con sus manos de
amistad y recuerdo;

te alarga una escopeta cargada, una bota de vino de la tierra, un retrato en el que Amparo² y yo
nos acordamos;

nos acordamos de Totoral y las «gacelas»; de Rodolfo³ y su casa, de María Carmen⁴ y su inmensa
belleza,

2 Amparo Mom, escritora e feminista, casada com González Tuñón.

3 Rodolfo Aráoz Alfaro foi um advogado e militante, inicialmente socialista, depois comunista. Suas memórias, *El recuerdo y las cárceles* (1967), foram prefaciadas por Neruda. Sua casa patriarcal, na Villa del Totoral, em Córdoba, era conhecida pelos desafetos como «El Kremlin».

4 María Carmen Portela, gravurista e escultora argentina, na época casada com Aráoz Alfaro.

de Policho⁵ y su afán discutidor, de Carmen⁶ y sus cantos alemanes, de los buenos amigos de Córdoba;
 Deodoro⁷, Allende, Oliverio⁸, Carloncho y no importa que ya nunca jamás nos volvamos a ver, que incluso,
 no pensemos de la misma manera frente al drama del mundo, no me importa, sólo me importa recordarte,
 recordarte en el marco de tantas aventuras, tanta vital andanza y tanta sobremesa cordial, y tanta pena y tanta súbita alegría y tanta inesperada maravilla a la vuelta de la esquina y paisajes; y de tu corazón ¡oh, fuerte encina espesa! a cuya sombra oí cantar al mirlo y aullar al lobo gris del Altiplano⁹ (González Tuñón, 1938, pp. 9-10).

São Paulo e o regionalismo

Logo no primeiro número da *Klaxon*, Mário de Andrade (1922) admite que:

Provocados por uma enumeração graciosa de escritores regionais, aparecida na *Revista do Brasil*, vários jornalistas lembraram por suas respectivas folhas uma quantidade fenomenal de nomes esquecidos. KLAXON protesta em nome de todos os literatos que ainda desta vez ficaram esquecidos; em nome de todos os habitantes do Estado que sabem ler e escrever, e que uma vez ao menos durante a existência obscura de gênios desconhecidos que levam, mandaram pelo Correio um cartão de boas-festas (p. 16).

Mais adiante declara, com ambição evolutiva, já que «KLAXON sabe que o progresso existe» (Klaxon, 1922, p. 2), que deixarão «de ser estaduais para sermos nacionais, enfim!» (Andrade, 1925), isto antes mesmo da realização do congresso regionalista do Recife, organizado por Gilberto Freyre, autodefinido como sendo deste estilo, ao mesmo tempo que tradicionalista e experimentalista, modernista e brasileiro. Pouco depois, à época da publicação de *Macunaíma*, Mário de Andrade refere-se à pintura antropofágica de Tarsila do Amaral, que concluíra *O Abaporu*, e a ocasião lhe serve para abordar as complexas relações entre nação e região:

Regionalismo em arte como em política, jamais não significou nacionalismo no único conceito moral desta palavra, isto é, realidade nacional. Significa mas é uma pobreza mais ou menos consciente de expressão, se observando e se organizando numa determinada e mesquinha maneira de agir e criar. Regionalismo é pobreza sem humildade. É a pobreza que vem da escassez de meios expressivos, da curteza das concepções, curteza de visão social, caipirismo e saudosismo. Comadrismo que não sai de beco e, o que é o pior, se contenta com o beco. Porque quando o artista é deveras criador, bem que pode parar num beco toda a vida, porém, feito Lasar Segall nas obras brasileiras dele, tira do elemento regional um conceito mais largo, alastra o documento, humanizando-o (Andrade, 1928).

5 Apelido do escritor e crítico Cayetano Córdoba Iturburu.

6 Provavelmente Carmen de la Serna, casada com Córdoba Iturburu, era irmã de Celia de la Serna e tia do Che Guevara.

7 Deodoro Roca, reitor da Universidade de Córdoba na época da Reforma Universitária.

8 Oliverio de Allende, crítico e ensaísta de arte, em Córdoba, autor de um livro sobre Pettoruti. Frequentaram também a casa de Totoral, entre outros, o poeta espanhol Rafael Alberti e sua mulher, María Teresa León, exilados na Argentina, com o apoio de Aráoz Alfaro; o artista plástico belga Víctor Delhez; Rodolfo Ghioldi; Faustino e Sarita Jorge, três dirigentes comunistas de Buenos Aires; o senador socialista Mario Bravo; o artista plástico salvadorenho Toño Sañazar e sua mulher Carmela; o poeta León Felipe; Joan Miró; David Alfaro Siqueiros e, *last but not least*, Pablo Neruda. Aliás, seus poemas *Oda a la mariposa*, *Oda a las tormentas de Córdoba*, *Oda al nacimiento de un ciervo*, *Oda al Algarrobo muerto*, *Oda al bañil tranquilo* e *Oda a un cine de pueblo* foram inspiradas por suas frequentes visitas à casa de Aráoz Alfaro.

9 Como epígrafe, lê-se: «Ah! los magníficos martinfierristas que se apoderaron de Buenos Aires en una cruzada inimitable y única; yo vi reverdecir los laureles con mayor lozanía en las manos de Ricardo Güiraldes, Jorge Luis Borges, Leopoldo Marechal, Norah Lange, Evar Méndez, Oliverio Gironde, Antonio Vallejo y tantos otros ejemplares vanguardistas. Ah!, la pléyade revolucionaria! De entre ellos Raúl González Tuñón levanta este magnífico estandarte digno del espíritu bravío de nuestro Tristán Maroff.» O comentário deve pertencer ao diretor de *Motivos*, o escritor boliviano Lúcio Diez de Medina.



Mário de Andrade

Em outras palavras, quando com sua rapsódia Mário ultrapassa as fronteiras acadêmicas do formalismo, já que seu relato é uma variação popular infinita, cheia de «extra-regionalismos discordantes» (Ribeiro, s.f.), incluídos em função da *desgeografização*¹⁰, ele desqualifica, igualmente, em *tabula rasa*, tudo aquilo que lhe evoca pobreza de expressão, indigência arrogantemente satisfeita por concepções míopes, caipiras e saudosistas, mero comadrismo da vila feliz. Entram, por exemplo, nessa condenação, o regionalismo patético de *Juca Mulato*, a versificação parnasiana, a temática «belle époque». Mas essas mazelas não se verificam, a seu ver, quando, pelo contrário, o artista trabalha elementos nacionais, ou seja, hegemonizados pelo Estado, muito embora Mário considere também que a manifestação mais legítima do nacionalismo artístico só se dá quando esse nacionalismo é inconsciente de si mesmo. *Zeitlos*, diria Freud, mas também Althusser, com o qual cabe concluir que esse dado inconsciente, como dado ideológico, é atemporal. O objetivo era, na esteira do purismo de Le Corbusier, materializar um ideal de racionalidade, universalidade e perfeição:

Porque na verdade qualquer nacionalismo, imposto como norma estética, é necessariamente odioso para o artista verdadeiro que é um indivíduo livre. Não tem nenhum gênio grande que seja esteticamente nacionalista. E até são raros os que a gente pode propriamente chamar de psicologicamente nacionalistas. O nacionalismo só pode ser admitido consciente quando a arte livre de um povo ainda está por construir. Ou quando perdidas as características básicas por um excesso de cosmopolitismo ou de progresso, a gente carece buscar nas fontes populares as essências evaporadas. Como é o caso da música italiana depois do período absurdo de Verismo. Agora o regionalismo, esse não adianta nada nem para a consciência de nacionalidade. Antes a conspurca e depauperava, lhe estreitando por demais a manifestação e por isso a realidade. O regionalismo é

10 Em carta à Câmara Cascudo (1927), Andrade diz: «Um dos meus cuidados foi tirar a geografia do livro. Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido minha preocupação desde que tentei me abraçar e trabalhar o material brasileiro. Tenho muito medo de ficar regionalista e me exotizar pro resto do Brasil. Assim lendas do Norte botei no Sul, misturo as palavras gaúchas com modismos nordestinos ponho plantas do Sul no Norte e animais do Norte no Sul etc. Enfim é um livro bem tendenciosamente brasileiro. Ora o que eu quero de você é isto: você tem recolhido lendas e tradições aí do Nordeste. Meu livro já está escrito, porém tenho ainda um ano pra matutar sobre ele e modificá-lo à vontade. Eu queria botar uma lenda aí do Nordeste nele, você não pode me ceder uma das que recolheu? Quero uma bem lírica, sentimental se for possível. Enfim o mais lírica possível» (Cascudo et al., 2010, p. 123).

uma praga antinacional. Tão praga como imitar a música italiana ou ser influenciado pelo estilo português (Andrade, 1928).

Ao criticar o neocolonial, Mário de Andrade refuta a heterocronia de uma estética pautada por um tempo não-cronológico, uma primeira percepção do pós-moderno nascendo junto com o moderno, corroendo assim sua autossuficiência. O mesmo Mário de Andrade (1939), ao resenhar a *Poesia em pânico* de Murilo Mendes, dirá que o «regionalismo», assim, com aspas, deste autor está em Nossa Senhora falar inglês. Mas se alastramos o olhar, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa ou Paulo Rossi Ossir também recuariam, em meados da década de 30, quando, ao construir o MEC, embrião de Brasília, aproveitarem os azulejos, coloniais e portugueses, combinando-os com uma concepção arquitetônica funcionalista. Joaquim Cardoso (1972), poeta e engenheiro que fez os cálculos de Brasília, apoiado numa ideia de Herbert Read, comparava o regionalismo ao expressionismo e dizia que, a diferença do impressionismo e o pós-impressionismo, o segundo é algo que tende a reaparecer, no norte da Europa, cada vez que a força de uma influência externa diminui. Portanto, admitindo, como proclama a *Klaxon*, que a Semana «tem uma alma coletiva que se caracteriza pelo ímpeto construtivo» (1922, p. 3), a pergunta é: como constroem os modernistas? Qual é a nação e a identidade que perseguem?

Um antropófago desconhecido, que bem poderia ser o próprio Oswald de Andrade, disse que os antropófagos não são modernistas. É completamente inútil para eles rejuvenescer uma mentalidade insatisfatória já que praticam uma revolução metafísica, «revolução de princípios, de roteiros, de identificação» (Andrade, 1990, p. 50). Japy-Mirim (1929), definindo que «a descida antropofágica não é uma revolução literária. Nem social. Nem política. Nem religiosa. Ela é tudo isso ao mesmo tempo», diz que:

... a Antropofagia identifica o conflito existente entre o Brasil Caraíba, verdadeiro e o outro que só traz o nome. Porque no Brasil há de distinguir a elite, europeia, do povo brasileiro. Ficamos com este, contra aquela (...) E assim havemos de construir no Brasil a grande nação brasileira (Japy-Mirim, 1929).

Sade e o tao

Essa dualista construção antropofágica, como crítica intransigente da razão prática, encontra, porém, associados a ela, dois comparsas insuspeitos de aparecerem com outros modernistas: em primeiro lugar, o marquês de Sade: «Agora pergunto se é justa a lei que ordena aquele que nada tem, o respeito da propriedade daquele que tem tudo» (Marquês de Sade, 1929), apontando a contradição insolúvel da ordem, que transforma a felicidade, onde sancionada, em sua paródia, e só a produz onde ela a proscree, mostrando, além do mais, o entendimento sem direção externa, isto é, o sujeito liberto de toda tutela. E, por outro lado, temos o trilema niilista de Lao Tsé (1929): «Quando todos sabem que o bom é bom, já aí temos o mal. Porque o ser e o não-ser se engendram reciprocamente». A transcendência, nesse caso, é meramente relativa e não representa mais do que uma absolutização da imanência. A reivindicação do vazio taoísta, ser e não-ser ao mesmo tempo, tal como apontava Einstein, é dada pelo contraste, ou seja, pela unidade incondicionada dos opostos, e mostra uma estrutura arquitetônica própria do sistema kantiano, porém associada agora às pirâmides ginásticas das orgias de Sade e aos princípios das lojas maçônicas burguesas, o que anuncia uma forma de organização integral da vida, desprovida de qualquer fim determinado. Sua linha de fuga, como se compreende, é a «aproximação do terror» (Mendes, 1994), a inclusão excludente, tanto de *das bloße Leben* ou vida nua (1921) de Walter Benjamin, quanto do *homo sacer* (1995) de Agamben, já sob o neoliberalismo contemporâneo. Para melhor avaliarmos o ineditismo dessas reivindicações antropofágicas de 1929, pensemos que será preciso esperar até 1934 para começar a explorar, com Marcel Granet, *O pensamento chinês*, ou mais ainda, até 1947, para ler, em *Dialética do esclarecimento* de Adorno-Horkheimer ou em *Sade, meu próximo* de Pierre Klossowski, uma incorporação da crueldade sadiana como contracapa do progresso tecnológico moderno.

Em termos tectônicos, de construção, após a exposição de Portinari, no MoMA, em 1940, Philip Goodwin, enviado pelo museu, em constante diálogo com Gustavo Capanema, ministro da Educação de Vargas, o capitalista missionário Nelson Rockefeller e Alfred H. Barr, diretor do museu, recopila materiais para a mostra *Brazil Builds* (1943), que marca a internacionalização do modernismo. Há uma foto da inauguração, em Nova York, em que vemos duas elegantes senhoras, Maria Martins e Majoy, a jornalista Silvia de Arruda Botelho Bittencourt, correspondente de guerra na Itália. Mas, em termos simbólicos, o Brasil tentara, previa-

mente, construir outras alianças, além da panamericana, testada na II guerra e na Guerra Fria, quando o país torna-se um dos espaços estratégicos do confronto entre o Ocidente capitalista e a União Soviética.

Antes disso, portanto, em novembro de 1919, a *Revista do Brasil*, fase Monteiro Lobato, a publicação que veiculou os artigos de Mário de Andrade sobre a arte religiosa em Minas, e com eles deslança a «descoberta do Brasil», barroco e antropofágico, publica uma programação editorial que incluía ensaios de história e sociologia, inclusive leituras da guerra do Paraguai sob a perspectiva aliada, argentina, além de etnografia, folclore, biografias, estudos feministas no Brasil, pesquisas linguísticas, artísticas e, entre tantos outros variados assuntos, os estudos sul-americanos, em que destacavam Bolívar, Sarmiento, Ameghino, Mitre, Alberdi, figuras que dividiam espaço com estudos sobre «os nossos museus» o «os crimes econômicos». Curadoria e *lawfare*, duas questões *avant la lettre*. O vínculo dos modernistas com o mundo latino-americano, denso e variado, não se restringiu, portanto, a Mário de Andrade ou Manuel Bandeira. Mas, por que essa conexão se interrompe? Porque a nação e a identidade modernistas excluem o complemento latino-americano?

Em nome dos povos explorados, vendidos, difamados, entorpecidos pela ‘conquista espiritual’ do Ocidente, os antropófagos de São Paulo votam todas as mandingas ao futuro da nação que, filha da liberdade que lhe mandamos com Rousseau, ainda sua a aprovar créditos para missões evangélicas. Que a desgraça final a cubra, como é de esperar (Protesto e Praga, 1929).

Antipopulismo

Essa reivindicação de que «outro mundo é possível» antecede a fundação da Universidade de São Paulo, que atende a um interesse do liberalismo paulista por evitar, na medida do possível, que se alastrasse, no Brasil, a sombra anarquista que se atribuía, exclusivamente, aos países vizinhos. Ponto para as elites na guerra anticarabí. Uma das expressões mais contundentes desse sentimento pertence a Paulo Duarte, político e escritor que, tendo se informado *in loco* dos debates patrimonialistas na Argentina, é um dos promotores da criação do SPHAN. Porém, ao voltar de uma longa permanência no exterior, na era Vargas, tendo se desempenhado no MoMA de Nova York, Duarte redige, à época aliás do lançamento de *Grande sertão: veredas*, uma sorte de manifesto em sua revista, *Anhembi*, nome, por sinal, de escopo exclusivamente bandeirante. Poucos dias depois de sancionar-se a transferência da capital para Brasília e quando Juarez Távora, defensor da privatização da exploração petrolífera, mostrava inquietação perante a estrela ascendente de Juscelino, em asas do desenvolvimentismo nacionalista, Duarte (1956) diz:

Mais do que nunca corre agora o Brasil o perigo imenso de ser infestado cronicamente pela pior praga que é endemia nos países atrasados da América: o caudilhismo. Fenômeno espanhol, jamais conseguiu atingir os Estados Unidos e a o Canadá; e o Brasil dele permaneceu indene até a República. Os entreveros da fronteira sul permitiram a sua entrada pelo Rio Grande, mas ficou aí circunscrito, embora as lutas políticas, que degeneraram frequentemente para os encontros armados, permitissem a revelação de um punhado de caudilhos, que viviam infelizes nos tempos de tranquilidade partidária, ansiando por novos entrechoques em que a lança voltasse a brilhar ao sol e o corpo se sacudisse nas selas, pelas correrias através dos pampas. Atribuía-se sempre um posto militar, coronel ou general – ninguém ignora a atração que o uniforme exerce sobre o bandoleiro e outros espíritos primários – e, muitas vezes engajados na tropa regular, já durante uma guerra externa, como a do Paraguai, já para sufocar uma revolução, eram confirmados no posto por um decreto que os reconhecia oficiais honorários do Exército. Mais importância então adquiriam para conquistar outros postos políticos e administrativos, que prestígio maior e mais poder conferiam a esses régulos, como o resultado de sempre acabarem eles por comprometer a dignidade do uniforme que usavam e das nações latino-americanas, cobrindo-as de ridículo, e de sangue, retrogradando-as a um medievalismo bárbaro. Durante anos, no Brasil, o caudilho, uma vez aqui introduzido pelo contacto com o espanhol, do qual nos dá uma ideia excelente Érico Veríssimo em *O Tempo e o Vento*, permaneceu segregado nos confins gaúchos, empolgado, durante as guerras, pela glória militar, durante a paz, pelas incursões do contrabando (p. 224).

Aquilo que Duarte chama de caudilhismo, hoje seria sancionado como populismo, pecha ecumênica com que a social-democracia alija, na era do capitalismo absolutizado, os fragmentos indesejáveis de totali-

dade. É verdade que o populismo não possui uma unidade referencial, porém, pelo simples motivo de não poder ser atribuído a um fenômeno delimitável, revela ser uma lógica social, cujos efeitos perpassam muitos fenômenos. O populismo é, muito simplesmente, um modo de construir o político. Nele o povo assume para si uma igualdade que pertence a todos os cidadãos e, assim agindo, este particular, que não é uma totalidade, lança sua imprópria propriedade como princípio exclusivo da comunidade e identifica, portanto, seu nome sem nome com o nome do próprio coletivo. O Brasil Caraíba. Ao apropriar-se de uma qualidade comum, como se fosse própria, o populismo aporta à comunidade a disputa e o antagonismo.

Ora, se o Brasil foi pensado como totalidade sem fissuras, qualquer ação cujo sentido derivasse dessa totalidade precisaria ser autotransparente e dotada, portanto, de representatividade ilimitada. Mas dado que o fundamento último da política seria, então, completamente visível, o poder não passaria de um fenômeno puramente aparente. Não é o que se verifica cem anos depois da Semana. A democracia, forçada a representar a totalidade virtuosa da política e a única maneira legítima de garantir o bem comum, acabou por absorver, e mesmo dissolver, a problematidade do moderno. Uma das maiores lições modernistas é que a cultura, nela incluindo a política, é a antecedência de uma condição de acesso ou inclusão, mas não de uma fundação ou de uma determinação de sentido. Por essa via, mesmo sem descartá-la, diria que resta atravessar ainda muitas semanas.

Bibliografia

- Adorno, T. W. (2001). *Minima moralia. Reflexões sobre a vida lesada*. Lisboa: Edições 70.
- Andrade, M. de. (1922). Luzes e refrações. *Klaxon*, 1, 15-16.
- Andrade, M. de. (1925, maio 24). Modernismo e ação. *Jornal do Commercio*.
- Andrade, M. de. (1928, fevereiro 19). Regionalismo. *Diário Nacional*.
- Andrade, M. de. (1939, abril 9). A Poesia em Pânico. *Diário de Notícias*.
- Andrade, O. de. (1990). A psicologia antropofágica. Em M. E. Boaventura, *Os dentes do dragão*. São Paulo: Editora Globo.
- Cardoso, J. (1972). Prefácio-testemunho dos aspectos sócio-culturais. Em S. Barros, *A Década 20 em Pernambuco*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife.
- Cascudo, L. et al. (2010). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: Cartas 1924-1944* (1.ª ed). São Paulo: Global Editora.
- Cesar, O. (1929). *A Expressão Artística nos Alienados (contribuição para o estudo dos símbolos na arte)*. São Paulo: Oficinas Gráficas do Hospital Juquery.
- David, C. (1967, maio 27). De volta para casa. *Correio da Manhã*.
- Duarte, P. (1956, outubro). Caudilhismo. *Anhembí*, 71.
- González Tuñón, R. (1938, outubro). El viejo soldado. Tristán Maroff. *Motivos*, 11.
- Japy-Mirim. (1929, março 24). De antropofagia. *Revista de Antropofagia*, 2.ª denteção, 2.
- Klaxon. (1922, maio 15). Klaxon. *Klaxon*, 1, 3-5.
- Lao Tsé. (1929, abril 14). Sem título. *Revista de Antropofagia*, 2.ª denteção, 5.
- Protesto e Praga. (1929, março 24). *Revista de Antropofagia*, 2.ª denteção, 2.
- Marquês de Sade. (1929, abril 7). Do marquez de Sade. *Revista de Antropofagia*, 2.ª denteção, 4.
- Mendes, M. (1994). Aproximação do terror. En L. Stegagno (Ed.), *Murilo Mendes. Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Riberio, J. (s.d.). [Sem dados].